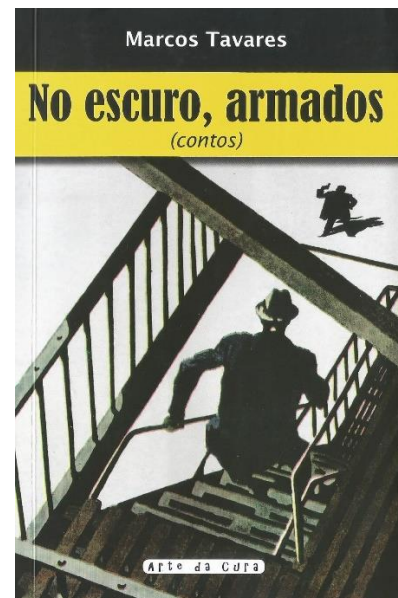


TAVARES, Marcos. *No escuro armados*. 2. ed.  
Vitória: Arte da Cura, 2017.

Jô Drumond\*



**M**arcos Tavares, nascido em 1957, é natural de Vitória, onde participou ativamente do meio literário, no final do milênio. Graduiu-se em Letras (UEMG), em 1991. Sua produção é restrita, porém de altíssima qualidade literária. Além do livro de contos *No escuro, armados* (1987, reeditado em 2017) e do livro de poemas *Gemagem*, participou de coletâneas e de concursos literários, tendo sido eventualmente premiado.

\* Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP).

No livro em questão, *No escuro, armados*, à guisa de prefácio, o autor publica “Prólogo mais ou menos”, texto no qual fornece subsídios ao leitor.

A primeira parte (11 contos), em cujo título faz uma referência bíblica, “Babel revisitada”, o narrador demonstra a (in)comunicabilidade da linguagem.

Na segunda parte (15 contos), intitulada “Os outros”, ele faz referência à peça teatral de Jean-Paul Sartre *Huis Clos*, traduzida como *Entre quatro paredes*. Trata-se de uma “pièce à thèse”, por meio da qual Sartre demonstra a dificuldade de relacionamento do ser humano. Essa peça gira em torno de uma assertiva que se celebre, “l’enfer, c’est les autres” (o inferno são os outros). Seguindo essa linha de pensamento, Marcos Tavares demonstra, por meio de seus contos, a dissintonia dos seres no âmbito amoroso, familiar e social.

O que há de preponderante em todos os contos desse livro, a meu ver, não é a temática. É a inigualável tessitura lexical e sintagmática. A fabulação serve apenas de pano de fundo para a ourivesaria literária do contista.

Recebi, há pouco tempo, das mãos do autor, a segunda edição desse livro de contos que eu havia lido no início da década de noventa: *No escuro, armados* (2017). A dedicatória instigou-me a uma releitura crítica e prazerosa. Eu havia lido, também, no início dos anos 90, um capítulo do livro *A modernidade das Letras capixabas*, do Dr. Francisco Aurélio Ribeiro, no qual há um ensaio muito bem fundamentado, onde são analisados os contos de Marcos Tavares, sob a luz da Semiótica peircena. Em 2011, o acadêmico Anaximandro Amorim, recipiendário de Marcos Tavares no dia de sua posse na Academia Espírito-Santense de Letras, fez também uma análise acurada do mesmo livro. Como existe farta fortuna crítica a respeito de tal obra, dispus-me a ler o material existente. Outros estudiosos, como Erylly Vieira Jr., Fernando Tatagiba, Bernadette Lyra, Deny Gomes, Yan Patrick Siqueira, André Serrano, Beth Rodrigues, entre outros, foram unânimes em louvar o esmero da escritura de Marcos Tavares, no que concerne ao minucioso trabalho com o significante, às sutilezas do significado e às técnicas próprias da poesia utilizada por ele na prosa. Muito se fala sobre o

burilamento de sua escritura, mas falta demonstração do que se diz. Propus-me então, a possibilitar ao leitor o acesso à tessitura lexical desse autor, por meio de exemplificação.

No conto que dá título ao livro *No escuro, armados* há um duelo, no escuro, entre dois surdo-mudos-cegos armados de foices. O motivo é inusitado: uma desavença por algo que nunca viram. “Cientes de que iam morrer – pelo simples fato de existir – e de que tinham apenas um lugar à sombra de seus próprios corpos”, disputavam nada menos que um raio de sol.

Na escrita do ex-estudante de Matemática, Marcos Tavares tudo é calculado matematicamente. No momento da criação, ele prioriza a razão, em detrimento da emoção. O ludismo de seus jogos lexicais não é casual; é cerebral. Segundo ele, “A má temática não faz mau o poeta. A Matemática não faz mal ao poeta. Melhor um poema maldito que mal escrito”.

No conto em questão, o jogo de palavras dentro do campo semântico da impossibilidade é profícuo. Os duelistas “acreditavam cegamente na ceguidão da justiça a ser obrada por suas próprias mãos”. Na falta de testemunha ocular, devido à escuridão, “e havendo nula paisagem, fingiram vista grossa [...], lançavam, às cegas, olhares de incendiadas iras; depois agrediam-se mutuamente com surdos insultos [...] fez-se entre eles mudo silêncio – silêncio mortal[...] cabeças pelo chão” (p. 72-73)

O duplo sentido metafórico, os paradoxos e as ambiguidades enriquecem sua prosa poética. O Prof. Dr. Francisco Aurélio Ribeiro faz interessante analogia do duelo do conto “No escuro, armados” com o ato da criação literária. Seria uma metáfora da luta (sem testemunha) do escritor com a palavra, no momento da criação. Nesse caso, a meu ver, que o “escuro” corresponde ao “branco” da página ou ao do visor do computador, diante dos quais o criador dá luz à sua criação.

A sensação de estranhamento, na escritura de Marcos Tavares, em face do inapreensível, instiga o leitor a buscar as entrelinhas. Esta é a mesma linha de

criação de Guimarães Rosa, que deixava evidente seu intento de provocar e chocar o leitor, para que este enfrentasse seu texto como a um animal bravo. O objetivo de Rosa era estimular o leitor, deixando-o intrigado, incomodado, de modo que, acabada a leitura, algo tivesse sido acrescentado ou modificado no que concerne à maneira de ver o mundo, as coisas, as pessoas, enfim, a vida.

Tanto esse livro de contos (1987), quanto o de poesia, *Gemagem* (publicado tardiamente, em 2005), ambos concebidos nas últimas décadas do século passado, deixam clara a integração do escritor ao “espírito do tempo” (*l’air du temps*) da corrente pós-moderna daquela época. Dentro dessa estética há grande recorrência de traços barrocos, designada Neobarroco. Notam-se nessa obra alguns traços dessa retomada estética: a ambiguidade, a angústia existencial e temporal, o artifício, a bizarrice, o caos, a engenhosidade, o enigma, o erotismo, a evasão, o exagero, a extravagância, o fantástico, o fingimento, o fragmento, a fratura, a fruição, a fugacidade, a imprecisão, a ironia, o jogo do ser e do parecer, o maniqueísmo, a máscara, o medo, a perversão, o prazer, a pulsão de morte, a teatralidade, a tensão, a tortuosidade, a transgressão, entre outras.

Marcos brinca com a combinação de palavras, surpreendendo o leitor a cada instante com inusitados, sugestivos e pitorescos termos, expressões e estruturas. A reação dos leitores, diante das dificuldades da leitura, oscila entre o abandono do texto e o enfrentamento do desafio. O aspecto lúdico se manifesta sobremaneira por meio do ritmo. Por vezes a preocupação do autor com a sonoridade supera questões gramaticais ou semânticas. Repetição de sílabas, de palavras e até mesmo redundâncias fazem parte desse jogo.

Deixemos de lado o tecnicismo e mergulhemos, como diria Barthes, no “prazer do texto”. Para o deleite do leitor, foram escolhidos excertos do conto mais denso e representativo, intitulado exatamente “Excertos”. Tal conto pecaria pelo excesso de neobarroquismo linguístico, caso não tivesse como narrador um suposto mentecapto: a linguagem prima pela superabundância, pela artificialidade e afetação; a narrativa é caótica, fragmentada, contendo toda sorte de preciosismos, rebuscamento verbal, jogos de palavras, aproveitamento da

materialidade fônica e semântica de cada palavra.

Nesse conto (p. 34-39), há a maior concentração de neologismos e de jogos de palavras de todo o livro. Há nele dois narradores. O que conta a história, que quer ser remido de uma morte que poderia lhe ser atribuída. O outro narrador é um de seus personagens que se enforcou, sem seu consentimento, talvez pelo fato de temer que não lhe fosse outorgado o papel principal. Diz o primeiro: “enforcou-se porque quis, pois eu não lhe dei a corda”. Para provar sua inocência, tenta demonstrar a insanidade do suicida por meio de diversos excertos que este havia deixado, com 10 linhas cada, todos eles datados. A linguagem fragmentada, meio desconexa, salpicada de neologismos e de jogos de palavras tem como objetivo conscientizar, quem interessar possa, que o primeiro narrador tem lisura de caráter e é inocente, enquanto o segundo narrador-personagem-suicida tinha sérios problemas mentais.

No final, há uma interferência metalinguística, na qual, o narrador-autor faz um apelo ao leitor: “mesmo assim, eu, o contista criador desse universo, ainda não de todo satisfeito com um desfecho sem maior impacto, embora já bastem revelações que me eximem de qualquer culpa [...] E assim, senhoras e senhores, julgadores de mim, apiedem-se de minha alma, porque eu não tive culpa...” (p. 38).

Seguem alguns excertos extraídos do conto “Excertos”, e, a seguir, neologismos tavarianos:

“Andando dois subires, digo, subindo dois andares, cego noturno, chego em meu apartamento d’alma, quarto de casa mal arrumada em suburburinho” (p. 35).

“Nos dias fúteis ou nas horas de fulga” (p. 35).

“Menina-me. Nós nus. Tardíamos até bonoitólogo [...] eu falava, falava sem parar, louquase, falando por debaixo dos ambíguos, digo, umbigos, ventrilouco, a fala avara crescendo volumosa por ventre, digo, dentre as calças, a nudez falando, o falo crescendo crescido, maiúsculo, dando-se o fim fim o se à nudez de minha região pública, digo, pública” (p. 35).

“Ágil o mal rápido possível, antes que me metam ou me matem em selvirgem mato (p. 35).

“Remembro-me do dedo duro” (p. 36).

No excerto abaixo, devido ao estilo, o leitor fica tão sem fôlego quanto o personagem que está correndo, “maratônito”, do perigo. O longo parágrafo foi transcrito integralmente. Impossível amputá-lo de uma letra sequer. Segue, portanto, sem cortes:

[...] Oh, de novo aqueles. Os relesgados, os miseraveros, oh. Tenho de correr. De novo, oh. Os metibundos, os sodomados. Tenho de, oh. Correr de novo. Lá vêm aqueles. Os filhos-de-uma-potra, os analfabestas. Ai, não me alcançam. Os pernósticos, os pedantes, os pederasteiros. ãe, mãe. Ai, pai. Lá vêm. Os pedquestres, os eunucos. Oh. Como correm. Uff. Aqueles eles. Os antílopes antigalope, os polígamos gazelos. Como corro. Como. Os equinorantes ao quadrado, os etcoitados anais. Uff. São rápidos os rapinos. Corro. Uff. Lá vêm mais eles. Os idiotas, os bucéfalos. Não me alcançam, não. Eles aqueles veados, doídos de cornozelos. Uff. Como corro. Os jumentirosos, ai de mim, já vêm. ãe, mãe. Vêm os estólidos, os mentecapturados. Corro mais. Aí atrás vem. Ai, pai. Os analfabertos, à esquerda, os direitortos. Eles. Uff. Até quando a pé? Não posso pensar nem. Aí vêm. Aqueles. Os gwiadados, os doidiscursivos. Ai, a turbamulta, de roldão, embalde o esforço. Uff. Corro, senão escalpo morto ou vivo. Do filme o fim? Fui. Ui. Uff. Uff. Corro, já maratônito. Uffim! [...]” (p. 38).

Quanto aos neologismos, no conto “A sete chaves” ocorrem “caminhandava” (p. 27), “calafriente” (p. 27), chuventava (p. 27), tremoroso (p. 28) etc.; no conto “Excertos”, “tumultidão” (p. 35), selvirgem (p. 35), “Ó deusgraça!” (p. 35), “as cabeças purapoeris” (p. 35), “eugoísmo” (p. 35), “doidiscurso” (p. 35) etc.

A declaração do autor, em entrevista a um jornal sobre a estética do fragmento, ilustra perfeitamente o parágrafo da página 38: “Minha literatura é feita aos pedaços. É como se fosse uma colcha de retalhos”.

Concluindo, em certos contos, como “Excertos”, “Fabulosa”, “Revisão”, “Num domingo, dia de feira” e em tantos outros, o burilamento da forma e a poeticidade da prosa expandem a narrativa para muito além da fábula. Em alguns deles, a pluralização sígnica escapa de qualquer possibilidade de delimitação e proporciona infinitas interpretações. A cada releitura, novos horizontes, novas

descobertas. Esse livro é, como disse com muita propriedade Jackson Libardi, uma “metralhadora de signos e de figuras de estilo”.

Sua apresentação, feita por Oscar Gama filho, contida nas orelhas, retrata, com muita competência e maestria, o meticuloso trabalho formal do autor. Para concluir, cito o que ele diz a respeito da linguagem de Marcos Tavares: “...tem de ser lida não só nas entrelinhas, mas também nas entreletras, nas entrepalavras e nas entrefrases...”.

O processo interpretativo, de obras polissêmicas, como essa, é filão inesgotável. Essa obra, desde a década de 80, vem suscitando e suscitará sempre novas pesquisas sobre si própria devido à indubitável qualidade literária aliada à polissemia que se desdobra infinitamente.

Recebida em: 17 de dezembro de 2018.  
Aprovada em: 25 de março de 2019.